

Concepções de saúde: com a voz docentes de cursos de licenciatura em Educação Física

Health conceptions: with the voice teachers of degree courses in Physical Education

Monique Marçal Grossi

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
moniquegrossi0@gmail.com

Denis William Gripa

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
denisgripa@hotmail.com

Paula Ramos

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
paularamos.ufrj@gmail.com

Resumo

Historicamente, a Educação Física discute a relação entre corpo e saúde através das ciências biológicas em detrimento dos conhecimentos oriundos das ciências humanas e sociais. Essa pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de saúde presentes na formação em Educação Física dos cursos de licenciatura da UFRJ e da UFF, investigando os discursos de docentes das disciplinas que tratam direta ou indiretamente dessa temática no currículo. Com base em uma abordagem qualitativa, realizou-se entrevistas semiestruturadas com docentes de ambos os cursos, que foram analisadas a partir da análise de conteúdo temática de Bardin. Como resultados, os docentes da UFRJ se referiram a uma dimensão individualizada do processo saúde-doença, ao passo que alguns docentes da UFF coletivizaram mais a discussão, valorizando as dimensões culturais e políticas. Conclui-se que é importante incorporar na formação de professores a compreensão do processo saúde-doença como um valor social, debatendo criticamente a promoção da saúde.

Palavras chave: Saúde, Educação Física, Formação de Professores, Licenciatura.

Abstract

Historically, Physical Education discusses the relationship between body and health through biological sciences to the detriment of knowledge derived from human and social sciences. In recent times, this scenario has been changing, but there are still multiple tensions produced by this epistemological dispute. This research aimed to analyze the conceptions of health present



in the formation in Physical Education of the UFRJ and UFF licensure courses, investigating the discourses of professors of the disciplines that deal directly or indirectly with this theme in the curriculum. Based on a qualitative approach, semi-structured interviews were carried out with professors from both courses, which were analyzed based on Bardin's thematic content analysis. As a result, UFRJ professors referred to an individualized dimension of the health-disease process, while some UFF professors made the discussion more collectivized, valuing cultural and political dimensions. It is concluded that it is important to incorporate the understanding of the health-disease process as a social value into teacher training, critically debating health promotion.

Key words: Health, Physical Education, Teacher training, Graduation.

Introdução

As disputas que constituem o campo da Educação Física - EF, tem colocado em xeque nas últimas décadas as visões fragmentadas do campo. Historicamente temos a disputa epistemológica entre as ciências biológicas, que inicialmente sustentaram os saberes e práticas na EF, e as ciências humanas e sociais, que posteriormente entraram na área a partir da década de 1980 com o chamado movimento renovador (SOARES, 2010). Nesse cenário, emerge na EF o conceito de cultura corporal, em um contexto de abertura democrática, política e social, travada por meio de lutas por novos sentidos da formação desse profissional, embasado em teorias críticas que se contrapõem às ideias conservadoras do campo da EF.

Nesse sentido compreende-se que a EF se constitui enquanto ciência da vida e, portanto, não deve lidar com o corpo de maneira fragmentada, sobretudo lidar apenas com seu caráter biológico. Ao contrário, é fundamental partir da compreensão de que esses corpos se inserem em uma cultura, em um momento sócio-histórico, em contextos sociais e familiares específicos, que contribuem para construir subjetividades e formas de estar no mundo (COLLIER, 2016).

Hegemonicamente, ao fazer referência ao corpo e à saúde, há uma exaltação no campo da EF dos aspectos físicos e biológicos (CARVALHO, 2006). Embora se saiba, por meio de sólida comprovação científica, que a prática regular de atividade física é, sim, um dos aspectos positivos para o processo saúde-doença; é preciso ter cautela para não utilizar esse aspecto como único determinante nesse processo (FERREIRA, 2001).

Com base nessas questões a formação inicial de professores de EF tem como desafio assumir uma visão ampliada de saúde, que considere as múltiplas dimensões do corpo, para além de sua instrumentalidade. Desse modo, ponderando que o corpo não é instrumento das aulas de EF ou de outras disciplinas, nem meramente um conjunto de órgãos e sistemas, tampouco objeto de promoção da saúde. O desafio consiste em nos entendermos como seres corporais (NÓBREGA, 2005).

Partindo da compreensão de que o professor de EF que atua em ambiente escolar está na interface entre as áreas de educação e saúde e que, portanto, a discussão sobre os temas “saúde” e “promoção da saúde” são fundamentais para sua formação e prática docente, este artigo tem como objetivo analisar as concepções de saúde presentes na formação em Educação Física dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

e da Universidade Federal Fluminense – UFF, investigando os discursos de docentes das disciplinas que tratam direta ou indiretamente dessa temática no currículo.

Aspectos metodológicos

De abordagem qualitativa, este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado que além dos discursos de docentes, analisa também os Projetos Pedagógicos de Curso - PPC das universidades supracitadas. Portanto, é válido mencionar que a análise desses documentos compõem uma das etapas de escolha das disciplinas e respectivos docentes que seriam posteriormente selecionados para a pesquisa.

Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizada entrevista semi-estruturada. No que se refere aos critérios de inclusão e de exclusão para seleção de docentes participantes da pesquisa, optou-se por incluir docentes de disciplinas que fossem obrigatórias e que tinham nas ementas de suas disciplinas aspectos que tratassem de saúde ou promoção da saúde. E como critério de exclusão, docentes de disciplinas optativas e que não tinham elementos teóricos sobre saúde ou promoção da saúde nas ementas de suas disciplinas. Aplicando estes critérios, tivemos um total de 12 docentes, sendo seis de cada instituição.

Estes docentes foram contactados por e-mail e convidados a participar da pesquisa. Dos 12 que atendiam nossos critérios supracitados, oito nos retornaram aceitando contribuir com o estudo, sendo três da UFRJ e cinco da UFF. As entrevistas foram agendadas e realizadas no Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense – IEF/UFF e na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ – EEF/UFRRJ, com duração aproximada de trinta minutos, registradas através do uso de um gravador. Para preservar o anonimato dos participantes, foram ocultados seus nomes e os nomes das suas disciplinas, mantendo apenas o conteúdo de estudo a que pertencem. Os conteúdos de estudo são uma classificação que consta nos PPC que tem como função organizar as disciplinas em grupos, sendo estes correspondentes aos eixos que compõem a estrutura curricular do curso. Abaixo, apresentamos a caracterização dos sujeitos de pesquisa:

Quadro 1: Sujeitos participantes da pesquisa - UFRJ

Docentes	Formação inicial	Atuou na Educação Básica?	Período atuando nos cursos analisados	Conteúdo de estudo
A01	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 33 anos	Relação ser humano-sociedade
A02	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 21 anos	Técnico instrumental
A03	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 36 anos	Relação ser humano-sociedade

Fonte: Elaborado pelos autores

Quadro 2: Sujeitos participantes da pesquisa - UFF

Docentes	Formação inicial	Atuou na Educação Básica?	Período atuando nos cursos analisados	Conteúdo de estudo
----------	------------------	---------------------------	---------------------------------------	--------------------



B01	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 17 anos	Cultura do movimento
B02	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Não	Aproximadamente 25 anos	Biologia do corpo humano
B03	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 44 anos	Cultura do movimento
B04	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Sim	Aproximadamente 18 anos	Biologia do corpo humano
B05	Licenciatura Plena de Ampla atuação	Não	Aproximadamente 22 anos	Biologia do corpo humano

Fonte: Elaborado pelos autores

Após realizadas as entrevistas, as mesmas foram transcritas para análise, em que utilizamos o método de Análise de Conteúdo na modalidade Análise Temática (BARDIN, 2016), que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, considerando que sua presença ou frequência significa algo para o objeto analisado (MINAYO, 2014). Por fim, mencionamos que este estudo contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, tendo sua aprovação sido registrada sob o parecer nº 4.330.573.

Resultados e discussão

As análises das entrevistas com os docentes dos cursos abordados nesse estudo, nos levaram a duas categorias que exploraremos no decorrer dessa sessão, a saber: a) concepções de saúde e promoção da saúde de professores de EF; e b) abordagens de ensino da EF e saúde.

Concepções de saúde e promoção da saúde de professores de EF

Nas entrevistas buscamos inicialmente compreender o que cada docente considerava por saúde e promoção da saúde, e posteriormente se tais questões são trabalhadas e de que maneira nas disciplinas ministradas por esses. De forma geral, os docentes de ambas as universidades apresentaram discussões compatíveis com concepções comportamentais e socioambientais, no entanto, foi possível observar algumas tendências.

Nos fragmentos analisados houve uma predominância do destaque de que a conduta dos indivíduos deve ser voltada a um estilo de vida saudável. Dessa maneira, o estilo de vida saudável se configura enquanto o cerne das questões do processo saúde-doença, considerando então que tais fatores seriam controlados pelos indivíduos (WESTPHAL, 2006). Portanto, foi desconsiderado do processo saúde-doenças os aspectos políticos, econômicos e sociais, centrando assim a responsabilidade desse processo apenas no indivíduo. Como na fala do Docente A3 que formula que “[...] saúde é o bem-estar do ser humano, prazer [...] saúde é estar bem consigo mesmo, e também não ter doenças” (DOCENTE, A01). Ainda sobre o bem-estar e saúde, o docente A01 pontua o “bem-estar do ser humano, prazer” como elementos que constituem o processo saúde-doença. O docente A02, ao pontuar um conceito amplo de saúde destaca que o processo saúde-doença “envolve não só a ausência de doenças, mas todo um contexto físico, cultural, social e mental”. Por fim, o Docente B05 pontua que “nós somos tudo, social, físico, psicológico”.

Entendemos que os aspectos até aqui levantados são fundamentais para um afastamento e



negação de uma concepção de saúde meramente biomédica. A ruptura com essa visão ainda hegemônica no campo da EF, foi sinalizada por todos os docentes entrevistados. No que tange as falas apresentadas, apesar de avançarem em relação à concepção biomédica não aprofunda tanto a questão quanto o Docente B03 que destaca que devemos considerar no processo saúde-doença as “injunções de políticas públicas [...] direito o acesso ao lazer e o acesso à saúde” (DOCENTE, B03) enquanto um dever do Estado. Isso porque o docente traz uma dimensão coletiva em sua fala, isto é, o processo saúde-doença vai além de uma responsabilidade apenas do indivíduo e sim das injunções destacadas pelo docente.

Apesar da maioria dos docentes entrevistados da UFF terem apresentado tendência a uma concepção de saúde socioambiental, nem todos assumiram uma mesma concepção de saúde, como podemos ver na fala do Docente B05 ao afirmar que saúde “é uma definição da Organização Mundial de Saúde, que eu concordo! É um conceito muito amplo”, expressando assim seu acordo com a definição apresentada pela Organização Mundial de Saúde - OMS. Por outro lado, o Docente B03 rejeita tal definição e menciona que “saúde não é mais um completo bem-estar biopsicossocial” destacando que é preciso olharmos mais para o papel do Estado e menos para a dimensão individual e comportamental dos sujeitos.

De alguma maneira, em maior ou menor escala, os Docentes reafirmaram a importância de considerar as múltiplas dimensões da vida no processo saúde-doença, o que segundo nossa análise coaduna com a perspectiva socioambiental. Portanto, Petres e Da Ros (2018) nos ajudam a refletir que, é no rompimento com o modelo biomédico e positivista que podemos compreender a saúde em toda sua complexidade, com base numa perspectiva integral e, portanto, superar uma visão reducionista e linear no entorno da questão.

Já sobre promoção da saúde os docentes apresentaram sim aspectos dessa discussão em suas falas, como por exemplo, o docente A02 ao destacar a promoção da saúde se trata de “estratégias que dê conta também, não só da doença [...] a promoção é para, além disso [...] coisa holística geral da saúde” (DOCENTE, A02), apontando este que parte de uma concepção ampliada de saúde. Seguindo, o docente A01 pontua a importância de “promover atividades, ações de prevenção, ações de manutenção, de movimento, de entender o que é esse corpo”.

Para melhor compreensão da promoção da saúde Lopes e Tocantins (2012) explicam a importância da educação no campo da promoção da saúde, inclusive por partir da premissa do processo saúde-doença compreendido como recurso para a vida inteira e não um objetivo estático a ser atingido. Portanto a concepção crítica, socioambiental, de saúde possibilita ampliar as estratégias de promoção da saúde. Nessa perspectiva Westphal (2006) afirma que essa concepção acentua a importância das potencialidades individuais e as socioculturais nesse processo. Esse aspecto fortalece a perspectiva de saúde enquanto um recurso para o desenvolvimento da vida e não um objetivo.

Não fica nítido na fala dos docentes quais atores vão trabalhar no processo de promoção da saúde, mas no que tange à capacitação das coletividades, acreditamos que esta deve ser compreendida em duas perspectivas. Primeiramente, melhorar questões objetivas da vida, a partir da elaboração e construção de políticas públicas saudáveis, isto é, que possibilitem obtenção de uma vida mais saudável a partir da garantia de direitos básicos, como acesso à moradia, educação e outros. E, em segundo, questões mais subjetivas, que envolvam o desenvolvimento pessoal dos sujeitos, como a integração social, autorrespeito e outras (WESTPHAL, 2006). A saúde nesse contexto é reafirmada enquanto direito, portanto, deve ser um critério no processo de tomada de decisões por parte do governo, sobretudo, acerca do



desenvolvimento econômico-social (WESTPHAL, 2006).

Consideramos que características destacadas pelo docente B02 como a educação e autonomia, “a promoção da saúde é uma coisa que tem mais a ver com esse movimento de autonomia, de educação do indivíduo, mas que é muito difícil, né?”, são fundamentais para a promoção da saúde. Como pontua Collier e Souza (2016), as práticas e estratégias da EF no campo da promoção da saúde, de fato, contribuem para um aumento do nível da consciência dos indivíduos refletindo na coletividade e suas tomadas de decisão ligadas à saúde. No entanto, é preciso ter cuidado para não centrarmos a responsabilidade apenas no indivíduo, uma vez que se trata de uma questão em que o Estado possui um papel de extrema importância.

Nesse sentido, o docente B03 destaca que a promoção da saúde se trata de uma “responsabilidade mútua não só do indivíduo com relação a saúde, mas uma responsabilidade e um direito ao acesso a saúde”. Tal perspectiva abrange uma concepção mais ampla, pois não aborda apenas aspectos individuais, uma vez que considera que a promoção da saúde requer responsabilidades que envolvam a população e diversas esferas do poder público, ao considerar-se o acesso enquanto um direito. Nesse sentido, é importante entender o que está estreitamente ligado à esfera individual e o que é coletivo. O docente B04 destaca diferenças sobre o tratamento, a prevenção e a promoção da saúde e afirma que a promoção da saúde consiste em “instrumentalizar esse indivíduo, com ferramentas, para que ele possa usufruir dessa saúde e ter condições de buscar também, enquanto indivíduo, essa saúde e... socialmente a gente enquanto sociedade dar, disponibilizar acesso a essas condições a esse indivíduo[...] políticas públicas”. Sobre esse aspecto, Collier (2016) pontua que a promoção da saúde decorre de uma articulação entre ações do Estado, por meio de políticas públicas voltadas para uma vida saudável, da comunidade, através do fortalecimento da ação comunitária, dos indivíduos, no que tange potencializar e desenvolver habilidades pessoais, e, por fim, o sistema de saúde, sobretudo, a partir de parcerias intersetoriais (COLLIER, 2016).

Já o docente B01, levanta que existe uma visão de “promoção da saúde que é muito ligada ainda aquela concepção de prevenção”, desse modo, há uma dificuldade em entender a diferença entre prevenção e promoção da saúde. O docente também afirma que essa visão está presente em programas que se dizem atuar na perspectiva da promoção da saúde, no entanto, atuam com a promoção do exercício físico.

É importante diferenciar programas e ações que pretensamente atuam com promoção da saúde, mas na realidade promovem apenas o exercício físico. Apesar da importância de tais ações, não se trata de trabalhar na perspectiva da promoção da saúde e, sim, na promoção da atividade física. Dessa forma, Ferreira (2001) pontua que as campanhas que tenham como objetivo popularizar o exercício físico deveriam abordar nas suas ações estratégicas as lutas em torno das condições dos trabalhadores, jornadas de trabalho, redução salarial e outros aspectos, que influenciam diretamente o acesso a essas atividades e, conseqüentemente, no processo saúde-doença. Esse exemplo é uma das formas possíveis onde o foco consiste em ações de promoção da saúde e não apenas promoção do exercício físico de maneira descontextualizada e sem criticidade.

Por fim, nessa seção, observamos que os princípios levantados pelos docentes das duas universidades analisadas, expressam a negação de uma concepção biomédica de saúde, bem como, são apresentados em diferentes momentos aspectos multifatoriais que transitam entre a concepção comportamental e socioambiental. Sobre a promoção da saúde, podemos observar que na UFRJ os docentes trazem visões críticas, sobretudo ao pontuar a importância do trabalho multiprofissional para a promoção da saúde, porém, não é tão presente uma



problematização mais coletiva. Ao contrário, os docentes B01 e B04 da UFF resgatam essa problematização mais coletiva e política, sobretudo ao falar da construção multifatorial, equipe multiprofissional, autonomia, empoderamento e responsabilidade mútua. Importante ressaltar que alguns docentes reconhecem as dificuldades do trabalho com a promoção da saúde no contexto da EF.

Abordagens de ensino da EF e saúde

Na sequência das entrevistas, buscamos compreender se os docentes consideram trabalhar com questões relacionadas à saúde e qual a importância de se discutir a temática na licenciatura. Embora em escalas diferentes, a maioria dos docentes entrevistados consideram que trabalham sim com essas questões referentes à saúde, e enxergam que a licenciatura precisaria melhor explorar essa temática durante o processo de formação de professores.

O docente A01 ao explicar como trabalha o tema saúde em suas aulas, pontua que “os alunos [...] chegam com aquele aspecto ainda do corpo, que é só a cabeça, o tronco e membros, que é só essa parte física e esquecem que na realidade nós somos essa coisa única integrada”. O docente A01 também destaca o conteúdo corpo e a discussão que propõe aos alunos, de modo que estes compreendam esse corpo de forma integrada e sua relação com a saúde “entender esse corpo como uma coisa única. [...] Saúde enquanto uma coisa... Um cuidado de seu corpo”. Sobre a discussão de corpo e saúde, Soares (2012) ressalta que a EF, desde o seu surgimento, pautou-se em padrão higiênico burguês, ou seja, buscava promover um corpo saudável, um corpo robusto e disciplinado, nunca concepção biomédica embasada na eugenia.

Já o docente A02 levanta um aspecto referente à discussão de saúde na licenciatura: “Mas como eu estou na licenciatura, eu tenho que pensar mais na escola, na formação do professor e eu acho que distanciou um pouco da questão de saúde mesmo”. O predomínio de certa visão biomédica na área expressa dificuldade em reconhecer a licenciatura enquanto espaço em que as discussões sobre saúde podem estar presentes, sobretudo, numa perspectiva crítica. Isso se expressa na medida em que o docente explica que quando a formação não era fragmentada, havia uma maior possibilidade de discutir aspectos relacionados à saúde e exemplifica o conteúdo relacionado às lesões, isto é, numa perspectiva biomédica de saúde. Como nos apontam Ferreira et al (2013), ainda é possível encontrar cursos de formação de professores centrados na aptidão física, no esporte e na saúde individual, prejudicando o incentivo à reflexão crítica, e favorecendo abordagens reducionistas na área.

O docente B02 aborda, no contexto de suas aulas, diretamente as diferentes definições sobre o processo saúde-doença, a partir de um enfoque histórico sobre as teorias relacionadas ao processo saúde-doença “discutindo a definição de saúde. Todo o histórico dessa definição, do que é doença, do que é saúde, desde a época primitiva até hoje. [...] definição da OMS”. O docente afirma promover discussões sobre os avanços e limites da definição da OMS sobre os determinantes sociais do processo saúde-doença, buscando diferenciar prevenção de promoção da saúde. O docente também explica que discute os determinantes sociais do processo saúde-doença, “os determinantes sociais, sempre vendo saúde num contexto social com todas as coisas que incluem, com a questão da escolaridade, renda, trabalho, todas as relações sociais, que tem a ver com a saúde. [...] a diferença entre prevenção e promoção”.

Ferreira et al. (2013) salientam que a EF é um caminho para difundir na escola o conhecimento sobre as questões relacionadas ao processo saúde-doença, bem como a atividade física relacionada à saúde. Para o autor, existe sim uma relação direta entre exercício físico e a promoção da saúde, no entanto, para superar a relação causal entre exercício e saúde, é necessário abordar a temática indo além, contemplando questões como acesso à



cultura, lazer, situação de moradia, entre outros. O docente B02 se aproxima dessa perspectiva ao discutir qual a contribuição da EF no processo saúde-doença, sem cair na lógica de achar que o exercício físico é a solução para tudo, visto que o docente considera o processo saúde-doença numa perspectiva ampliada e multifatorial.

O docente B05 também se filia a esse debate, ao explicar que discute em suas aulas “o exercício físico como uma das ferramentas, como um dos meios para ajudar para uma promoção da saúde. O exercício físico não é determinante”. Nessa fala, se apresenta uma preocupação em superar a lógica da culpabilização do indivíduo. Tal como já foi referido, as abordagens críticas se opõem a visões biologicistas e tecnicistas ainda muito presentes no campo da EF e demandam uma visão crítica sobre a realidade. Além disso, essas abordagens promovem uma visão crítica e reflexiva frente às injustiças sociais, econômicas e políticas. Na EF, as principais abordagens desse campo são a crítico-superadora e a crítico-emancipatória (FERREIRA e SAMPAIO, 2014).

Ao abordarmos a discussão da Promoção da Saúde em sua perspectiva crítica, esta determina uma responsabilização múltipla, ou seja, nesse sentido, não deve haver possibilidade de culpabilizar o indivíduo sobre sua condição de saúde (COLLIER 2016). Como professor de EF, é preciso ter cautela para não reproduzir essa culpabilização não só do indivíduo, mas também da comunidade, que acaba por desresponsabilizar o poder público. Por fim, Collier (2016), com base em diversos autores, afirma que a formação de professores de EF ainda não consolidou sua atuação na área da Saúde Pública e ressalta que enquanto a formação não se pautar numa dimensão coletiva, pública e social do processo saúde-doença, estes professores não darão conta de intervir para superar as práticas biologicistas ainda hegemônicas no campo da EF.

Ainda sobre essa questão, o docente B04 levanta que ao rompermos com a concepção biomédica do processo saúde-doença, poderemos perceber que esta perpassa, de alguma forma, por todas as discussões dentro do curso de formação de professores em EF, “a questão da saúde vai perpassar pelas experiências, pela vivência que esse indivíduo vai ter e a relação com a sociedade, a relação política, as relações humanas, então nesse sentido, qualquer disciplina do curso vai trabalhar com questões de saúde”. Esse fragmento levanta a reflexão de que o processo saúde-doença precisa ser de fato compreendido na sua totalidade, considerando as mais diversas dimensões da vida, sobretudo, políticas e econômicas que estabelecem as iniquidades em saúde.

Para tanto, entendemos que, no campo da formação em EF como elemento da abordagem crítica-superadora pautada na pedagogia histórico-crítica, a cultura corporal se apresenta enquanto uma alternativa oposta à ideia de aptidão física. Nesse sentido, é preconizada a formação de “sujeito histórico, crítico e consciente da realidade social em que vive” (PINA, 2008, p. 167). Para autores críticos da EF, a formação reflexiva sobre a cultura corporal pautada em tematizar conteúdos numa perspectiva crítico-superadora se propõe a compreender as “relações de interdependência que os diferentes conteúdos da cultura corporal – como jogo, esporte, luta, dança, ginástica – têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais” (PINA, 2008, p. 167). Portanto, nessa perspectiva, diferentes temas se tornam incontornáveis na formação, como, por exemplo, a saúde.

Ainda na temática de formação de professores, o docente B05 ressalta “que é obrigatório que se trate dentro do curso de licenciatura, onde está se formando professores que vão atuar na formação de jovens, de crianças e de outras pessoas”. Ferreira (2001) sugere que no contexto escolar, para que os alunos tenham autonomia na prática dos exercícios, os conteúdos



relacionados ao exercício precisam ser ampliados. Isso não significa a negação do desporto e, sim, não priorizar a prática pela prática, reforçando a importância de compreender determinado conteúdo, considerando seus aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos. Portanto, é preciso analisar criticamente os determinantes sociais do processo saúde-doença (FERREIRA, 2001).

Por fim, podemos observar certa dificuldade em compreender que as discussões sobre a saúde também pertencem ao contexto escolar, não só por parte do professor de EF como também de outros docentes. O docente B01 fala que sobre a “articulação entre o mundo da saúde e o mundo da escola” [...] eu não acho que isso é papel do professor de Educação Física, mas sem dúvida entre os docentes que estão na escola, é o docente que tem essa oportunidade de fazer essa relação”, enquanto o docente B02 valoriza o papel da EF ao afirmar a “importância da atividade física, não para levar ou para dar saúde para a pessoa, mas colaborando com um dos pontos, que pode ajudar a pessoa a ter uma qualidade de vida melhor”. Sobre o trabalho do professor de EF e sua inserção no contexto da promoção da saúde, Collier (2016) afirma que no contexto da Promoção da Saúde, o professor de EF pode também se inserir na estratégia de educação em saúde. Os professores e professoras de EF se tornam agentes de saúde não só dentro da EF escolar, como também em outros contextos educativos.

Considerações finais

Todos os docentes entrevistados rejeitaram uma concepção biomédica de saúde, apontando inclusive aspectos multifatoriais que transitam entre a concepção comportamental e a socioambiental de saúde. Apesar disso, constatamos que não há linearidade nesses discursos, visto que os embates, dissensos e consensos do campo são expressos nas falas. Os docentes da UFRJ apresentaram importantes contribuições no que tange uma ruptura com uma perspectiva biomédica de saúde. No entanto, se referem mais a uma dimensão individualizada do processo saúde-doença ao contrário da UFF, onde os docentes coletivizaram mais a discussão, sobretudo ao pontuar as dimensões culturais e políticas.

Na UFRJ, as concepções de saúde apresentadas se aproximam de um concepção comportamental por apresentar possíveis soluções do processo saúde-doença nos sujeitos. Sobre a promoção da saúde, esses docentes apontaram o conteúdo “corpo” enquanto elemento interlocutor com a temática saúde. Já na UFF os docentes majoritariamente pontuaram concepções de saúde dentro de uma abordagem mais coletiva, socioambiental, sobretudo por levantar as dimensões do processo saúde-doença para além do sujeito, pautando a responsabilidade do governo por exemplo, na criação de políticas públicas, acesso à saúde, moradia, ao lazer e outros.

Em relação à promoção da saúde, é importante destacar que docentes de ambas as universidades reconhecem as dificuldades do trabalho com a mesma no contexto da EF, e que inclusive há dificuldades em reconhecer qual o papel das outras disciplinas escolares no trabalho com a saúde. Indicamos a partir disto a necessidade de ampliarmos as discussões sobre o papel que essa temática ocupa no currículo e de que forma podemos desenvolver práticas promotoras de saúde no ambiente escolar. Acreditamos que é necessário ampliar os estudos que identificam em quais espaços e a partir de que abordagens a saúde é tematizada na formação inicial desses docentes.

Por fim, é preciso considerar as disputas epistemológicas que historicamente constituíram a EF, assim como investigar como elas influenciam hoje nas concepções e práticas dentro da

área. Esse movimento permite lançarmos olhares mais qualificados sobre o processo saúde-doença, ampliando e potencializando o trabalho do docente de EF. Para isso, indicamos a necessidade de se investigar como a temática da saúde vem sendo desenvolvida na licenciatura em EF em outros espaços formativos, como por exemplo, o de formações continuadas das redes de ensino. Entendemos que o desafio de nos enxergarmos como seres corporais, compreendendo as questões relacionadas à saúde enquanto um valor social, é fundamental para rompermos com visões mercantis das práticas corporais e sua relação com o processo saúde-doença.

Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- CARVALHO, Y.M. Saúde, Sociedade e vida: um olhar da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.27, n.3, p. 153-168, 2006.
- COLLIER, L.S. **Estratégias de Ensino em Biociências e Saúde na formação dos professores de Educação Física da Universidade Federal Fluminense**. Tese. 2016. 195f. (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Ensino, Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- COLLIER, L.S.; SOUZA, C.T.Z. Educação Física na promoção da saúde: relações históricas. **Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, 14, 2016, Campinas-SP.
- FERREIRA, M.S. Aptidão Física e Saúde na Educação Física Escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, p. 41-54, jan. 2001.
- FERREIRA, H.S.; OLIVEIRA, B.N.; SAMPAIO, J.J.C. Análise da percepção dos professores de educação física acerca da interface entre a saúde e a educação física escolar: conceitos e metodologias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 673-685, 2013.
- FERREIRA, H.S.; SAMPAIO, J.J.C. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n. 182, p.1 - 14, 2014.
- LOPES, R.; TOCANTINS, F.R. Promoção da saúde e a educação crítica. **Interface, comunicação e saúde**, v. 16, n. 40, p. 235-246, 2012.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec, 2014.
- NÓBREGA, T.P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, 2005.
- PINA, L.D. Atividade Física e Saúde: uma experiência pedagógica orientada pela pedagogia histórico crítica. **Revista Motrivivência**, n. 30, p. 158-168, 2008.



**XIV
ENPEC**

Caldas Novas - Goiás

PETTRES, A.A.; DA ROS, M.A. A determinação social do processo saúde-doença e a promoção da saúde. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 47, n. 3, p. 183-196, 2018.

SOARES, C.L. **Educação Física: Raízes Européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 5ª edição, 2012.

SOARES, M.G. Três décadas do movimento renovador da Educação Física: Alcançamos a maioria epistemológica? **Conexões**, v. 8, n. 3, p. 24-34, 2010

WESTPHAL, M.F. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: **Tratado de saúde coletiva**. CAMPOS, G.W.S; MINAYO, C.S.; AKERMAN, M.; DRUMOND JÚNIOR, M.; CARVALHO, Y.M. (Orgs.). São Paulo: Hucitec, 1ª edição, 2006.

